



ESTADOS UNIDOS / Presidente chama opositores de “imprudentes e perigosos” pela obstrução ao aumento do limite da dívida americana, que, segundo o chefe da Casa Branca, pode empurrar o país “para um abismo”

Biden eleva o tom contra republicanos

COLÔMBIA



Em Caracas, vice-presidente Delcy Rodríguez anuncia o desbloqueio

Venezuela reabre a fronteira

Após dois anos, a Venezuela decidiu liberar, a partir de hoje, a fronteira com a Colômbia. O anúncio da “reabertura comercial” foi feito, ontem, pela vice-presidente venezuelana, Delcy Rodríguez, durante pronunciamento transmitido pela emissora de televisão estatal. A passagem foi fechada em 2019 pelo presidente Nicolás Maduro, durante uma crise política e diplomática.

Mais cedo, os contêineres que bloqueavam a circulação na principal ponte fronteiriça foram removidos por autoridades venezuelanas e a passagem de pedestres começou a fluir.

Os dois países dividem uma fronteira de mais de 2000 km. “Virando a página”, comentou a vice-presidente, em Caracas. “Estamos aqui dando abertura comercial binacional, para que comecemos a entrar caminhões com produtos da Venezuela à Colômbia, da Colômbia à Venezuela”, acrescentou Rodríguez.

Não ficou explícito se será liberada a circulação de veículos particulares. A passagem de pedestres havia sido restringida por conta da pandemia.

O bloqueio das passagens binacionais foi ordenado por Maduro em meio à disputa pela entrada de alimentos e insumos médicos geridos pelo líder opositor Juan Guaidó, reconhecido como presidente interino da Venezuela por mais de 50 países, incluindo Estados Unidos e Colômbia.

Distúrbios

Os obstáculos e a forte presença militar impediram a entrada dos carregamentos a partir de Cúcuta em 23 de fevereiro de 2019, o que gerou violentos distúrbios no lado venezuelano.

O líder chavista, que rompeu relações diplomáticas com Bogotá por seu reconhecimento de Guaidó, ordenou, então, o fechamento da fronteira, alegando que as doações eram um pretexto para uma invasão americana a Venezuela.

Bogotá já havia decidido, em junho passado, liberar de forma unilateral suas fronteiras fluvial e terrestre com a Venezuela, medida descrita, na ocasião, como “intempestiva” pelo líder chavista, que pedia uma “reabertura controlada”.

“A Colômbia também está disposta a iniciar um processo ordenado, para que possamos garantir essa passagem fronteiriça”, declarou o presidente Iván Duque. “Iremos fazê-lo sempre seguindo os critérios de nosso país em suas áreas de fronteira, principalmente, no que se refere ao transporte de carga.”

“Enfim, chegou o dia esperado, desejado por todos nós!”, comemorou Isabel Castillo, presidente da Câmara de Comércio, Indústria e Produção de San Antonio del Táchira. “As expectativas são muitas, começaremos desde já a trabalhar plenamente.”

Nicholas Kamm/AFP



Em momento delicado, Joe Biden enfrenta problemas também com parte dos democratas, que se nega a apoiar pacotes social e de infraestrutura

No início de uma semana que se apresenta como decisiva para seu governo, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, elevou o tom em relação aos republicanos por conta da obstrução ao aumento do limite da dívida americana. O democrata chamou de “imprudentes e perigosos” os opositores pela recusa a apoiar a iniciativa e evitar a inadimplência da maior economia do mundo. Numa fase especialmente complicada, Biden também enfrentou uma contenda no próprio partido para aprovar os trilionários planos de infraestrutura e de reformas sociais.

Biden passou o fim de semana descansando, em sua casa em Delaware, antes de mergulhar em negociações deste que já é considerado o período mais pesado de seus oito meses e meio de administração. De um lado, ele enfrenta a determinação dos republicanos que buscam recuperar o controle do Congresso nas eleições legislativas de meio de mandato do próximo ano. De outro, tenta persuadir os democratas para que respaldem os principais programas de seu governo.

Com o discurso de ontem na Casa Branca, carregado de fortes críticas aos republicanos, e uma viagem a Michigan, hoje, o veterano político, de 78 anos, espera retomar as iniciativas.

O legado de Joe Biden depende, em grande parte, do plano de renovação de infraestrutura de US\$ 1,2 trilhão e do programa de gastos sociais que pode chegar a cerca de US\$ 2 trilhões, segundo as estimativas. Porém, o país agora enfrenta a ameaça de uma moratória sobre sua dívida.

Abismo

No pronunciamento de ontem, Biden enfatizou que a conduta dos republicanos pode empurrar “nossa economia para um abismo”. O presidente assinalou que não pode “garantir” que o país impeça um default a partir do dia 18. “Se

eu pudesse, impediria”, disse.

A secretária do Tesouro, Janet Yellen, alertou que, a partir dessa data, os Estados Unidos não terão os fundos necessários para cumprir suas obrigações se o Congresso não agir. Embora esse teto da dívida tenha sido elevado ou suspenso dezenas de vezes nas últimas décadas, com os votos de ambos os partidos no Congresso, este ano os republicanos se recusam a aprovar o incremento.

Os republicanos do Senado querem forçar os democratas a recorrer a uma complexa manobra legislativa para aprovar mais dívidas apenas com seus votos, o que deixaria o partido no poder como único responsável pelo aumento do passivo do país.

Os democratas querem evitar isso e acusam seus rivais de tomarem como refém as finanças dos Estados Unidos, que tem a melhor classificação de crédito (AAA). Assim, os correligionários de Biden, que controlam o Senado por apenas um voto, tentam solucionar a situação da dívida ao mesmo tempo em que buscam superar as divergências internas sobre a agenda de reformas do presidente.

Ontem, o líder da maioria democrata no Senado, Chuck Schumer, indicou que um aumento no teto da dívida deveria ser votado até o fim da semana. “Não podemos nos dar ao luxo de esperar até 18 de outubro, pois é nossa responsabilidade garantir ao mundo que os Estados Unidos cumpram suas obrigações a tempo”, defendeu.

Enquanto aguarda a resolução das tensões entre partidos, Biden se vale de toda sua experiência de quase quatro décadas no Congresso e oito anos como vice-presidente de Barack Obama para tentar chegar a uma fórmula que una os setores de esquerda e de centro que coexistem em sua formação.

Com a visita de hoje a um centro sindical de treinamento em Howell, Michigan, ele pretende mostrar aos democratas que os planos de gastos da Casa Branca são populares entre os eleitores. Os moderados da Câmara de Representantes e, sobretudo, do Senado, onde a paridade de votos entre os dois partidos é extrema, negam-se a apoiar a ideia

de ala de esquerda, que quer aprovar cerca de US\$ 3,5 trilhões para o programa de gastos sociais. Enquanto isso, esses últimos não aceitam a contraoferta do centro de US\$ 1,5 trilhão.

Biden, agora, está promovendo uma iniciativa que totaliza cerca de US\$ 2 trilhões. O problema é que os dois lados democratas decidiram jogar duro. Os progressistas se recusam até mesmo a endossar o pacote de infraestrutura do presidente se suas ambições na questão social não forem garantidas antes de uma votação.

No domingo, Chuck Schumer disse que sua meta é “ter as duas leis prontas no próximo mês”, acrescentando um novo prazo a um intenso momento legislativo para Biden.

JAPÃO

Novo premiê convoca eleições antecipadas

Confirmado pelo Parlamento do Japão como novo primeiro-ministro do país, o moderado Fumio Kishida prometeu, em seu primeiro discurso, adotar medidas para estimular o crescimento e combater a desigualdade. Também anunciou a antecipação das eleições gerais, que seriam realizadas em novembro, para o próximo dia 31. O gabinete de Kishida terá veteranos e caras novas, mas, segundo analistas, o governo será de continuidade.

Integrante de uma família política de Hiroshima, o novo premiê recebeu 311 votos na Câmara Baixa do Parlamento, contra 124 para o principal líder da oposição, Yukio Edano. O Senado escolheu o novo primeiro-ministro com 141 votos — o adversário recebeu 65.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, parabenizou o novo primeiro-ministro, assinalando que a “aliança

histórica” entre os dois países continuará. O líder americano classificou a parceria como “a pedra angular da paz, segurança e prosperidade no Indo-Pacífico e no mundo”.

A eleição de Kishida, 64 anos, aconteceu depois que Yoshihide Suga, que apresentou sua renúncia ontem, anunciou que não disputaria novamente o posto de líder do Partido Liberal Democrático (PLD). Suga passou apenas um ano no cargo. A popularidade de seu governo caiu muito durante os meses de luta para conter as ondas de contágios da covid-19, incluindo um furo recorde durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, em julho.

Desafios

No pronunciamento inaugural, Kishida enfatizou sua “determinação e resolução firme” para enfrentar os muitos

Stanislav Kogiku/AFP



desafios que o esperam. Entre as missões figuram tentar conduzir a economia no período pós-pandemia e lidar com as ameaças militares da Coreia do Norte e China.

Em relação às eleições, analistas preveem que o partido do governo e seus sócios na coalizão devem manter o poder, mas podem perder algumas cadeiras no Parlamento devido ao descontentamento geral com a resposta do governo à crise sanitária.

Em uma coletiva de imprensa, Kishida disse que o enfrentamento à covid-19 continuará sendo a

“primeira prioridade”. Declarando-se como “o novo apóstolo do capitalismo”, ele também prometeu medidas para estimular o crescimento e melhorar a distribuição das riquezas.

Com 21 integrantes e idade média de 61,8 anos, o novo governo representa uma certa continuidade com o gabinete de Suga, sob a influência das duas grandes correntes do PLD: a liderada pelo ex-primeiro-ministro Shinzo Abe e a do ex-ministro das Finanças Taro Aso. O apoio dos deputados dessas duas alas foi decisiva

Fumio Kishida (à frente, no centro) com parte de seu gabinete: três ministras

vo para a vitória de Kishida nas eleições internas do partido na semana passada.

O novo ministro das Finanças, Shunichi Suzuki, é cunhado de Taro Aso e integra sua ala dentro do PLD. Toshimitsu Motegi permanecerá à frente da diplomacia nipônica, assim como Nobuo Kishi continuará no comando do Ministério da Defesa. Kishi é o irmão mais novo de Shinzo Abe. Hirokazu Matsuno, ex-ministro e membro da ala de Abe, foi nomeado para o cargo crucial de secretário-geral do governo.

Apenas três mulheres entraram para o governo, incluindo Seiko Noda, que ficou em quarto lugar nas eleições internas do PLD. Ela vai comandar a luta contra a baixa natalidade e as desigualdades entre homens e mulheres.

O gabinete também tem novidades, como a criação do Ministério da Segurança Econômica, um reflexo da preocupação das autoridades japonesas com a concorrência tecnológica chinesa.